

DE PRESÍDIO A PARQUE RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ENTRE MEMÓRIAS DIFÍCEIS, CULTURA E LAZER NO CARANDIRU

Elaine Masciarelli Francisco Pinto

Fatec São Paulo - elaine.francisco@fatec.sp.gov.br

Juliana Augusta Verona

Fatec São Paulo - juliana.verona@fatec.sp.gov.br

RESUMO

A cidade como artefato, campo de forças e representações sociais na presença/ausência do Complexo Penitenciário do Carandiru. Projetado em 1920, foi considerado modelo prisional no início, a partir da década de 40 passou a enfrentar problemas de superlotação percebido até extramuros, uma desagradável paisagem para o entorno. Rebeliões e fugas constantes pareciam rotina até o episódio conhecido como o “Massacre do Carandiru”, que levou a desativação da prisão, e posterior implosão dos sólidos cubos prisionais. Na tentativa de ressignificação, foi construído o Parque da Juventude em 2003, alterando uso de edificações remanescentes e introduzindo elementos arquitetônicos, monumentos e equipamentos de lazer. Tudo para modificar as referências sociais e culturais, objetivando a desestigmatização do local com forte referência de brutalidade e violência. Vinte anos depois, o parque ainda é visto como um lugar perigoso. Pela proximidade com o metrô, muitos visitantes são de bairros distantes, outros são grupos que se identificam com a cultura e lazer oferecidos no espaço. Pretende-se portanto analisar a memória que persiste no imaginário dos indivíduos, e detectar as transformações que o Parque da Juventude conseguiu efetivamente realizar. Perspectivas fundamentais para buscar um desenvolvimento urbano sustentável, equitativo e resiliente no âmbito da educação patrimonial, bem como no contexto do turismo, que vai além do simples ato de visitar lugares, mas uma experiência imersiva e envolvente com a cultura local.

INTRODUÇÃO

Toda construção humana pode ser investida de uma função memorial, o patrimônio material torna-se uma metáfora do passado ao possibilitar àqueles que o contemplam um mergulho no tempo que ele representa. Mas assim como as palavras podem ter diferentes sentidos em diferentes contextos, monumentos e edificações mantêm uma unidade com seu entorno, de modo que ao serem destacados, isolados ou suprimidos muito de seu significado é perdido. As habitações seguem uma ordem, as ruas e bairros desenvolvem sua lógica e sua dignidade próprias, como as frases e os parágrafos ordenam e dão sentido a textos. Casas e quarteirões próximos do original, mais do que lições artísticas e arquitetônicas, transmitem o modo de viver de uma sociedade em determinado tempo, são portadores de valores artísticos, históricos e sociais. As memórias sobre a Casa de Detenção foram submetidas a transformações por meio de construções, monumentos, atividades de lazer e cultura que pudessem apagá-las a fim de dar novo uso ao espaço. Apesar desse processo de redenção da violência, a memória difícil da época do presídio continua reverberando, presente inclusive em jovens que conviveram com o Carandiru apenas na primeira infância.

Preservar o traçado urbano, suas paisagens e suas edificações, proporciona à sociedade a oportunidade de perceber a si própria. Ulpiano Bezerra de Meneses trata a

consciência da cidade como uma forma de consciência coletiva que emerge dos laços sociais e da vivência dos cidadãos no contexto urbano. Mais do que um aglomerado físico de edifícios e infraestruturas, a cidade não é apenas, mas é também, um espaço carregado de significado simbólico e social, os habitantes desenvolvem uma percepção compartilhada do ambiente urbano, suas características, histórias, conflitos e potenciais (2003). A cidade é um espaço de encontros e trocas, onde diferentes perspectivas e identidades se entrelaçam e desenvolvem uma consciência coletiva que transcende as experiências individuais. A consciência da cidade também está intimamente ligada à memória coletiva e à preservação do patrimônio cultural e histórico, pois ela é um repositório desse legado, um conector com as raízes independente das transformações pretendidas pela inclusão de novas construções e novos usos.

TENSÕES E MEMÓRIA

A proposta da cidade nas dimensões de artefato, campo de forças e representações sociais conforme Ulpiano propôs para o museu de cidade, pode ser verificada na incômoda presença, e ausência, do Complexo do Carandiru no bairro de Santana. Desde a década de 20 do século XX moradores aprenderam a conviver com os sólidos cubos dos edifícios do complexo, que chegou a ser modelo prisional nos anos 40, mas devido a superlotação e outras crises, acabou sendo um grande incômodo na paisagem. Em 1975 o metrô inaugura as primeiras estações na Zona Norte, entre elas a estação Carandiru com trilhos suspensos e plataforma de embarque muito próximas aos pavilhões da Casa de Detenção. Diariamente, milhares de pessoas observavam cordas de tecidos, braços e cartazes pendurados nas grades da janela, da plataforma do metrô era possível ouvir o que os detentos gritavam.

As rebeliões foram ficando cada vez mais frequentes até o inesquecível episódio que ficou conhecido como o Massacre do Carandiru em 1992, fato que foi o estopim para a desativação do complexo e sua posterior demolição. A espetacular implosão dos cubos não era suficiente para apagar os fatos acontecidos naquele espaço, foi então construído o Parque da Juventude com equipamentos, escolas, biblioteca entre outros monumentos que pudessem transformar o lugar e apagar todos os acontecimentos violentos. Passados vinte anos da criação do parque, o Carandiru ainda marca as movimentações sociais e preservava as lembranças dos acontecimentos e processos ocorridos anteriormente.

A primeira prisão albergue, conhecida como a Casa de Detenção, era formada por um conjunto de pavilhões, edifícios que lembravam sólidos cubos, com janelas gradeadas. Mas os graves problemas desse sistema logo foram percebidos pelo entorno, que mesmo do lado de fora conviviam com a superlotação, facilmente percebida pelas janelas que formavam uma desagradável paisagem para os moradores, frequentadores do entorno e aqueles que diariamente utilizavam o metrô. Além da fila de visitantes aos finais de semana que atraíam vendedores ambulantes e proporcionavam o surgimento de moradias

populares e comunidades nas ruas próximas. Rebeliões e fugas eram constantes, impediam o trânsito de carros e pedestres, fechava o comércio e amedrontava a vizinhança, mas nada comparado ao “Massacre do Carandiru”.

O episódio gerou forte impacto na sociedade acostumada a normatizar a violência e as irregularidades do sistema prisional. Há muito o número de crimes criminais entre os egressos crescia, comprovando que o método apenas punia e não recuperava. Muitos estudiosos acreditam que o massacre e a omissão do Estado tenham sido o embrião do Primeiro Comando da Capital – PCC, organização criminosa que passou a regulamentar e implantar suas próprias regras nos presídios paulistas a partir de 1993. Na tentativa de ressignificar o lugar, o Complexo foi implodido em 2002, e foi construído o Parque da Juventude, inaugurado em 2003.

LAZER E TRANSFORMAÇÃO

O projeto do parque é dividido em três áreas - Esportiva, Central, e Institucional onde estão localizadas a biblioteca pública e as escolas técnicas. Além desses setores, há no parque uma área de preservação de Mata Atlântica e ruínas de parte das muralhas do Carandiru. As referências sociais, arquitetônicas e culturais pretendem dar novo sentido ao espaço, elas têm como meta a desestigmatização do local com forte referência de brutalidade e violência, a cultura como forma apaziguadora das tensões presentes.

Dois pavilhões foram mantidos e adaptados para receber escolas técnicas – a Escola Parque da Juventude e a Escola de Artes. No térreo da ETEC Parque da Juventude há o espaço Memória Carandiru, cujo acervo consiste em objetos encontrados nas celas nos últimos dias em que os pavilhões funcionaram como sistema prisional, inclusive há uma cela com todos os objetos e a arquitetura original mantidos. Do outro lado do parque está o Museu Penitenciário submetido a Secretaria da Administração Penitenciária - SAP, cujo objetivo é produzir informações e conhecimento sobre a ciência jurídica penal e sua execução, observada na própria história do Sistema Penitenciário Paulista.

Dos escombros nasceu o parque com monumentos e estátuas como a Espheropeia com a forma de um animal pré-histórico com cinco tentáculos, que ao vomitar dez toneladas de granito devolve à Terra elementos minerais, representando a vida que sempre renova, mais uma tentativa de ressignificação de um espaço prisional em local de cultura e lazer. Assim como uma escultura denominada Sonho de Liberdade, que ao contrário do que possa parecer, não se refere ao sonho dos antigos detentos, refere-se a uma homenagem ao ex- governador Mário Covas em um de seus discursos quando deputado às vésperas da instituição do AI-5. Curiosamente na placa que identifica a obra, há a informação de que ela está colocada onde era o pavilhão 9, imortalizado por ser o local onde 111 homens foram executados no episódio do massacre. Na amplitude do espaço ou nos detalhes está presente a disputa pela memória, inclusive naquilo que foi feito para apagar o passado.

Eventos, festivais, equipamentos de cultura e lazer são potencializadores de encontro entre pessoas de diferentes origens e perspectivas, isso facilita a interação social e o compartilhamento de experiências. O parque tem cumprido esse papel, como por exemplo na Biblioteca de São Paulo finalista de prêmios internacionais e um espaço por definição destinado ao conhecimento. Um equipamento bastante simbólico na tentativa de redenção da violência do estado e da própria sociedade, especialmente por estimular a

troca de saberes, nela não se pede para fazer silêncio.

O Parque da Juventude é uma cicatriz na memória recente, pois lembra que ali já foi ferida, e produz conhecimento das camadas sociais que passam e passaram por ele, seu funcionamento, seus efeitos e transformações.

RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E MEMÓRIAS DIFÍCEIS

A cidade enquanto artefato, campo de forças e representações sociais está presente nas disputas pela memória do Carandiru, o aspecto prisional em oposição ao espaço de lazer. Espaço carregado de significado simbólico e social, onde habitantes desenvolvem uma consciência coletiva baseada na percepção compartilhada do ambiente, suas características, histórias, conflitos e potenciais. A consciência que emerge dos laços sociais e da vivência compartilhada em um espaço de tensão e disputa.

A memória como construção do presente pela qual o passado continua a existir, um processo entre o lembrar e esquecer narrativas, vivências individuais e coletivas que atribuem sentido ao patrimônio. A disputa de narrativas para estabelecer quais fatos devem ser conhecidos pelas atuais e futuras gerações. Um parque construído para apagar memória difícil, em constante tensão com o patrimônio que abriga.

Na esfera municipal, o CONPRESP considerou o tombamento fundamental para a preservação da história prisional no Brasil. Foram tombados edificações que mantêm o uso do sistema prisional na Penitenciária do Estado contígua ao parque, como também foram tombadas estruturas do parque já alteradas como trecho da antiga muralha, a vegetação remanescente de Mata Atlântica, as fachadas dos dois Pavilhões da Casa de Detenção transformados em escolas técnicas. Contudo, a tensão no campo do tombamento se manifesta nas estações do metrô: Liberdade, Armênia, Portuguesa Tietê e Santana foram tombadas na mesma resolução. A decisão de número 38 de 2018 defende a preservação das estações em virtude dos trilhos aéreos, estilo brutalista entre outras características. Construída no mesmo período e com as mesmas características arquitetônica a estação Carandiru encontra-se entre as estações tombadas Santana e Tietê, das quais tem menos de 1 quilômetro de distância, mas não é sequer mencionada na resolução, o complexo prisional sempre foi um vizinho incomodo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho espera-se analisar os processos das relações contemporâneas entre memórias difíceis, cultura e lazer no Carandiru. A ideia central da pesquisa é relevante para o entendimento das tensões do espaço como local de guarda de memória, e o espaço que promove conhecimento, cultura e lazer como redenção da violência do estado e da sociedade.

Por fim, a proposição de roteiros que fortaleçam a memória coletiva despertam reflexões crítica sobre o espaço, permitem aos visitantes compreenderem a importância e o significado dos elementos que definiram aquela sociedade. Assim como os museus de cidade têm o potencial de fortalecer a memória coletiva, preservar a história local, os roteiros e itinerários também têm o mesmo potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, M. Os museus e a autenticidade no turismo. *Revista Itinerarium*, V1, 2008

CARTA DE TURISMO CULTURAL, novembro de 1976.

ICOMOS. Disponível em
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta de Turismo Cul 01976.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Turismo%20Cul%2001976.pdf). Acesso em: 28 outubro 2021.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do lazer**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008

LIZANA, Manuel Ramos. **El Turismo cultural, los museos y su planificación**. Gijón (Asturias), Espanha. 2007 (Capítulo 3 Turismo y Economía. El Mercantilismo Cultural pp. 93-168)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Museu, cultura material e cidade: o museu de cidade e a consciência da cidade**. In: Santos, Afonso Carlos Marques dos; Kessel, Carlos & Guimaraens, Cêça. (Org.). **Museus & Cidades**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, v.,p. 255-282

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Histórias dos Bairros de São Paulo: o Bairro de Santana**. 1970.

1 v. Monografia (Especialização) - Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

URRY, J. **O olhar do Turista – Lazer e viagens nas Sociedades Contemporâneas**. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

AGRADECIMENTOS

À Fatec-SP pela oportunidade de aprender um conteúdo de excelência e ao CNPq pela oportunidade de fazer pesquisa e contribuir com o setor de Turismo.